

# Concepções de crianças sobre a linguagem que deve aparecer em livros

Ana Célia Moura\*

---

## 1 Introdução

Este trabalho pretende investigar as concepções das crianças sobre a linguagem que deve aparecer em textos escritos, ou seja, procuramos verificar se as crianças fazem alguma distinção quanto ao uso da linguagem elaborada e da linguagem coloquial.

Sabe-se que a linguagem escrita é bem mais estruturada do que a falada. A literatura lista diferenças básicas entre língua oral e língua escrita: a sintaxe da primeira é tipicamente menos estruturada do que a da segunda, visto que naquela encontramos enunciados incompletos, pouca subordinação, predomínio de voz ativa com ausência do agente, já que o contexto permite ao falante preencher esta ausência. Enquanto a língua oral se utiliza predominantemente da coordenação, a língua escrita exhibe um conjunto de marcadores metalingüísticos: conectores lógicos e marcadores temporais.

Segundo Blanche-Benveniste (1987), as crianças, mesmo antes de conhecerem a linguagem formal, já marcam bem as diferenças da língua oral e da língua escrita. Esta se distancia do modo habitual de fala, havendo uma seleção mais apurada dos termos e das estruturas empregadas. Para a autora, embora as oportunidades para se usar a linguagem mais esmerada sejam mais raras, esta se estabelece ao mesmo tempo que a informal e sua aquisição se dá também de forma implícita, como a linguagem cotidiana.

Considerando que esta diferença é percebida por crianças em fase de aquisição, decidimos contrapor estruturas que retratassem a linguagem coloquial e a linguagem elaborada em trechos narra-

---

\* UFC – Universidade Federal do Ceará.

tivos e em discurso direto, já que o primeiro retrata a escrita e o segundo, a fala. Elegemos como ponto a observar, a escolha das palavras e de expressões coloquiais, como "a gente" ao invés de "nós", que deveriam compor o texto do livro, pois acreditamos que a criança faz a distinção do nível de formalidade da frase através desses usos. Assim, formulamos a seguinte hipótese: se as crianças, desde cedo, distinguem níveis de formalidade na linguagem, uma das formas de mostrar que estabelecem essa diferença é a escolha do vocabulário que deve ser empregado em textos de língua escrita. Para verificar essa hipótese, examinamos alguns aspectos que consideramos relevantes: 1. o emprego de palavras cujo significado são equivalentes (barulho / zoada), 2. a escolha entre o uso do pronome "eles" ou do clítico "os", 3. a opção entre o emprego do futuro ou do presente com valor de futuro.

Constituíram-se sujeitos dessa pesquisa trinta crianças, quinze da escola pública e quinze da particular. Fizemos entrevistas que tinham por finalidade buscar dados que elucidassem aspectos do processo de construção de diferentes usos da linguagem no tocante ao nível de formalidade da língua. Procuramos, durante as entrevistas, colocar as crianças diante de situações em que teriam que optar entre frases com linguagem formal e linguagem informal.

Utilizamos um livro de história em que não há texto e, para cada página, elaboramos duas frases. No início da entrevista, pedimos que folheasse o livro, observasse suas gravuras e imaginasse uma possível história para ele. Entregávamos, depois, os pares de frases para que lesse e escolhesse a que achasse melhor para o livro.

## 2 Discussão dos resultados

Elaboramos duas frases para a narração e duas para serem empregadas no discurso direto. Para a narração, tínhamos "O barulho dos tiros assustou os habitantes da selva. / A zoada dos tiros foi que assustou os habitantes da selva." (frase 1) e "Agora bem próximos da aldeia, os caçadores avistaram os habitantes e os tranquilizaram. / Agora bem próximos da aldeia, os caçadores avistaram os habitantes e tranquilizaram eles." (frase 2). De agora em diante, denominadas apenas F1 e F2 da narração. Em cada par, a primeira foi construída com linguagem coloquial enquanto a segunda, com linguagem elaborada. No primeiro par que constituiu a F1, empregamos "barulho" se opondo a "zoada"; a primeira fazendo parte de um léxico elaborado e a segunda, do coloquial. Na F2, o contraste se fez através do

emprego do clítico e do pronome reto ocupando a posição de objeto direto: "o tranquilizaram" e "tranquilizaram eles". Esta última, apesar de condenada pela gramática tradicional, é uma construção corrente da língua falada.

Para o discurso direto, propusemos também um par que contrastava os dois tipos de linguagem: "O que faremos? Vamos nos proteger. / O que a gente faz? Vamos nos proteger." (frase 3) e "Cacique, nos salve! / Cacique, salve a gente!" (frase 4), que aparecem doravante citadas apenas como F3 e F4 do discurso direto. No grupo da F3, contrapomos o tempo verbal (faremos/faz), considerando elaborada a primeira forma, já que se costuma, no dia-a-dia, usar o presente com valor de futuro. A segunda forma, portanto. Já na F1, opusemos apenas o pronome "nos" à expressão "a gente". Esta, além de estar substituindo o pronome "nós" em todas as faixas etárias, é um pronome de tratamento corrente na linguagem coloquial, conforme afirma Macambira (1982, p. 57).

Solicitamos a cada criança que escolhesse, entre os pares de frases, uma que julgasse mais adequada para compor um livro. Obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 1  
Distribuição da opção das crianças na narração

	Escola Pública		Escola Particular	
	Ling. Coloquial	Ling. Elaborada	Ling. Coloquial	Ling. Elaborada
F1	05 (33,3%)	10 (66,7%)	02 (13,3%)	13 (86,7%)
F2	10 (66,7%)	05 (33,3%)	06 (40,0%)	09 (60,0%)

Quadro 2  
Distribuição da opção das crianças no discurso direto

	Escola Pública		Escola Particular	
	Ling. Coloquial	Ling. Elaborada	Ling. Coloquial	Ling. Elaborada
F3	07 (46,7%)	08 (53,3%)	01 (6,7%)	14 (93,3%)
F4	08 (53,3%)	07 (46,7%)	06 (40,0%)	09 (60,0%)

Como se vê, a frase com linguagem elaborada (*O barulho dos tiros assustou os habitantes da selva.*) teve primazia na escolha. Acreditamos que isso aconteceu por se tratar do emprego do léxico; em geral as crianças procuravam justificar suas escolhas baseando-se no "fica melhor". Na frase com o clítico – o tranquilizavam –, ou elas não sabiam justificar ou procuravam argumentos extralinguísticos. Assim, pela opção das crianças, a motivação lexical parece ser bem mais forte que a sintática.

Algumas crianças justificaram suas escolhas dizendo:

"Barulho' soa melhor que 'zoada'."

(Joice, 9a)

"Ah, a zoada dos tiros' não fica legal."

(Francisca Paula, 10a)

Analisando esses dois quadros, podemos afirmar que todas as crianças deram preferência à linguagem elaborada na F1 da narração. No discurso direto, apenas as da escola particular priorizaram a linguagem elaborada na F3. Em relação à F2 da narração e à F4 do discurso direto, apenas as crianças da escola particular preferiram a linguagem elaborada: 60,0% na narração e 60,0% no discurso direto.

Entretanto, estes dados não nos permitem refletir sobre que elementos estariam interferindo nas escolhas infantis; eles apenas nos fornecem quantidades. Tomamos, então, duas decisões: primeiro, observar se as escolhas das crianças eram consistentes; segundo, identificar que critérios estariam norteando essas escolhas. Consideramos consistentes as escolhas: i) usar sempre o mesmo tipo de linguagem, tanto na narração como no discurso direto, ii) usar sempre a linguagem elaborada na narração e a coloquial no discurso direto e iii) usar sempre a elaborada no discurso direto e a coloquial na narração. Os resultados ficaram assim distribuídos:

Quadro 3

Distribuição da opção por tipo de linguagem na narração e no discurso direto

	Escola Pública	Escola Particular
Linguagem Elaborada em N e em DD	03	06
Ling. Elaborada em N e Ling. Coloquial em DD	-	01
Linguagem Coloquial em N e em DD	01	-
Ling. Coloquial em N e Ling. Elaborada em DD	-	01
Total de crianças com escolhas consistentes	04	08

De acordo com os dados acima, podemos fazer algumas inferências: primeiro, nota-se uma preferência de todas as crianças pelo uso da linguagem elaborada; segundo, as crianças da escola particular, nestas frases, parecem lidar com um pouco mais de familiaridade com a linguagem escrita: seis das dez que se mostraram consistentes, preferiram sempre a linguagem elaborada, quer se tratasse de narração ou de discurso direto. Nenhuma usou sempre a linguagem coloquial em qualquer uma das frases.

Gostaríamos ainda de ressaltar que algumas crianças frisavam bem a diferença de registro, ou seja, a fala do índio precisava ser diferenciada da fala dos caçadores, e também a fala do cacique, diferente da fala do indiozinho Água-Corrente.

"pegar-te' seria mais que perfeita, mas para a criança é melhor 'te pegar'."

(João Artur, 3M, 10a)

"Para o índio fica melhor 'te pegar'; para o caçador fica melhor 'concentre-se', porque os caçadores falam diferente dos índios."

(Cláudia, 3M, 9a)

Das nove crianças (3 da escola pública e 6 da particular) que fizeram escolhas consistentes, optando sempre pela linguagem elaborada, Samya (4B), Rafael e Caroline (ambos da 4M) e Filipe (2M) parecem ter-se guiado por critérios estilísticos, enquanto as opções de Mariana, Joice e Cesário Bruno (todos da 3M) e Antônia Carolina (4B) parecem ter sido comandadas por critérios semânticos. Samya, por exemplo, vinha preferindo sempre a linguagem formal, justificando sua escolha pela posição enclítica do pronome. Quando nos deparamos com a F3 do discurso direto, justificou: "Porque no livro é melhor a gente falar da forma diferente do dia-a-dia (apontando para 'o que faremos / vamos nos proteger'); sendo que eles falam essa palavra 'a gente faz'.". Como se vê, a criança estabelece nitidamente a diferença entre "linguagem do dia-a-dia" e "linguagem para livro", como ela própria denomina.

Rafael, Caroline e Filipe se mostraram preocupados com o tipo de linguagem a ser usada em livros. Para eles, há frases que não servem para se colocar em livro:

C: Porque essa "zoada dos tiros" não fica bem para um livro.

(Caroline, 4M, 10a)

C: Porque no livro não se usa "tranquilizaram eles". Normalmente coloca o pronome "os".

(Caroline, 4M, 10a)

C: Porque é melhor; porque o "português" é melhor.

(Filipe, 2M, 8a)

Outras crianças, como mencionamos, fizeram suas opções com base em critérios semânticos. Gostaríamos de chamar a aten-

ção para o caso de Mariana, cuja fala transcreveremos abaixo. Ao justificar sua escolha, usou o termo "zoada", entretanto não o escolheu para colocar no livro. Talvez isso ocorra, por ser o livro um portador da língua escrita, e como tal, deverá ter uma linguagem esmerada.

*C: Porque eles não viam os caçadores, mas já ouviam a zoada dos tiros.*  
(Mariana, 3M, 10a)

Julgamos que Cesário Bruno guiou-se por critérios semânticos porque, além de se mostrar preocupado em usar "boa linguagem" para o livro,

*C: "a gente faz" não fica legal.*  
(Cesário Bruno, 3M, 9a)

ele argumentou que escolheria determinadas frases para que a história pudesse ser compreendida pelas crianças pequenas:

*C: Eu colocaria esse (Água-Corrente se encantava,... acompanhado de sua arara) porque as crianças pequenas não entenderiam "encantava-se"; muitas ainda não conhecem. Quando eu era pequeno, eu não entendia.*  
(Cesário Bruno, 3M, 9a)

Quando nos referíamos a estas crianças que mostraram consistência em suas escolhas, mencionamos, Jansênio (12a) e Fernanda (13a), da escola pública e Laís (8a) e Ticiania (9a), da escola particular, que também nos pareceram consistentes, embora em uma das frases, elas não tenham optado pela linguagem elaborada. Todas elas pareciam guiar suas opções por critérios semânticos. Além disso, faziam bem a distinção entre o que é e o que não é "linguagem para livro".

Ainda a respeito do Quadro 3, precisamos fazer algumas considerações: das dez crianças da escola particular que se mostraram consistentes em suas opções, somente duas fizeram uso de linguagem coloquial e, dessas duas, uma empregou a linguagem elaborada na narração e a coloquial no discurso direto. A atitude dessa última criança talvez esteja refletindo a possível compreensão que ela tem de que na fala são usadas estruturas diferentes da escrita e, ela preferiu a frase com linguagem coloquial para incluir no discurso direto, ela estaria mostrando essa sua concepção. No tocante às crianças da escola pública, o índice das que optaram por linguagem coloquial é também insignificante: apenas uma das seis que se mostraram consistentes preferiu a linguagem coloquial. E essa única optou sempre pela linguagem coloquial, quer fosse na frase para trechos narrativos, quer fosse para constar no discurso direto.

A respeito dessa criança, talvez pudéssemos supor que ela ainda não teve oportunidade formal de conhecer e observar os diversos usos da língua. Ela, sempre que escolhia as frases e as lia, cometia erros na leitura que demonstravam baixo nível de compreensão leitora. Além de ler com dificuldade, o que deixava claro seu problema de decodificação, houve momentos em que demonstrou desconhecimento das palavras, pois lia, parava e perguntava "é assim mesmo?".

A leitura oral, segundo Allende (1987, p. 105), "dá ao aluno uma retro-alimentação da informação" e isso parece não acontecer com Alana (3M, 11a). Ela lê de forma inadequada do ponto de vista da decodificação e não retoma a leitura para tentar apreender o significado do que leu. Outro fator também nos levou a crer que esta criança não toma a língua como objeto de reflexão: sempre que solicitávamos para justificar sua escolha, ela o fazia com argumentos extralinguísticos, como em:

*C: Porque quando vinham, eles se tranqüilizavam, pensando que não iam atirar.*  
(Alana, 3B, 11a)

Em outra ocasião, justificou olhando para a ilustração do livro:

*C: Porque ele (o índio) está correndo atrás dele (cachorrinho).*  
(Alana, 3B, 11a)

### 3 Considerações finais

A linguagem, como diz Smith (1982), toma muitas formas, tanto a oral, como a escrita. Segundo o autor (op. cit.), um falante poderia se expressar de maneira diferente dependendo do seu interlocutor, do assunto ou mesmo da situação de comunicação, pois fala-se diferente com colegas no trabalho e com estes mesmos colegas em um jantar. Na escrita também há registros de linguagem especializados para um uso determinado. De acordo com Smith (op. cit.), por exemplo, as cartas para tias não são as mesmas cartas para bancos, mesmo se elas têm o mesmo tópico. Advogados não escrevem para advogados da forma como cientistas escrevem para cientistas, e ambos escrevem diferentemente quando o fazem para pessoas leigas. Enfim, cada pessoa ou grupo de pessoas tende a empregar a linguagem da forma que melhor preenche seus propósitos. No caso dessas crianças entrevistadas, pareceu-nos que seu propósito era similar: escrever a história usando a língua escrita na sua forma mais elaborada, o que vem ratificar nossa hipótese de que, em se tratando de textos escritos, as crianças preferem uma forma elaborada de linguagem. As crianças demonstraram, ao nosso ver, um agudo senso de exigência no tocante à língua escrita.

Os resultados desta experiência nos permitem afirmar que, embora as crianças da escola pública demonstrem mais cuidado com a linguagem escrita em alguns contextos particulares, todas, em geral, tanto as da escola pública como da particular, mostram preferência pela linguagem elaborada, quer se trate de narração ou de discurso direto.

### Referências bibliográficas

- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. A escrita da linguagem domingueira. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- GOODAMAN, Y. O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MACAMBIRA, J. R. *Estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro: In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas-SP: Edit. da UNICAMP, 1993.
- NYSTRAND, M. *What writers know*. NY; London; Toronto; Sydney; San Francisco, Academic Press.
- SMITH, F. *Writing and the writer*. New York: Holt, Rineheart and Winston, 1982.